

# Escrita de língua de sinais

A sociedade atual é conhecida como a sociedade da informação, não raro é possível encontrar menções sobre a era da informação em rádio, televisão, publicidade impressa, livros etc. A verdade é que nunca antes na história da humanidade as informações e conhecimentos foram tão acessíveis a todos. Existem muitos aparelhos, as tecnologias de comunicação, que permitiram a democratização da informação tal como ela é vivenciada hoje. Todavia, em termos de registro e disseminação do conhecimento, a escrita foi a primeira grande invenção tecnológica na área da comunicação.

Todo povo, cultura, que deseja ter seu legado passado adiante, não apenas para as próximas gerações, mas para os próximos povos, no mesmo local ou em outros pontos geográficos, não pode prescindir de um sistema de registro de sua língua. Portanto, nesta aula, você vai entender a necessidade de uma escrita para as línguas de sinais, conhecer dois sistemas de grafia para essas línguas aplicados à Libras e refletir sobre a relação e utilidade dos mesmos para a tradução e interpretação em Libras.

## Escrita de língua de sinais para quê?

Sobre a origem das línguas, há muitas teorias, todas igualmente hipotéticas, algumas míticas. O fato é que os seres humanos as têm, por séculos, milênios, sem se poder precisar quando se deu sua origem. Também se assume que, desde essa origem, as línguas (ou a língua, já que existem os que defendem a hipótese de uma única língua como ponto de origem para as outras) evoluíram, modificaram-se, espalharam-se por continentes, ganharam diferentes formas de expressão e registro. Se a língua é o que permite a troca social entre os homens, a organização do pensamento e a categorização do mundo à sua volta, o seu registro foi que possibilitou o avanço das civilizações tais como são conhecidas hoje. Esse registro trata-se de uma evolução tecnológica, por assim dizer. Afinal, a escrita não é uma evolução da língua, embora contribua para o seu desenvolvimento.

A escrita, na verdade, é, ao mesmo tempo, um mecanismo simples mas sofisticado de representação da língua. No ocidente, prevaleceram as escritas alfabéticas, isto é, que representam a língua a partir da abstração de seus sons. É o caso do português, em que os grafemas<sup>1</sup> representam os fonemas da língua. A vantagem desse tipo de representação é a redução dos elementos necessários para a codificação da língua. Mas para que codificar uma língua? Uma das respostas possíveis é:

Ao fornecer um registro secundário e perene do ato linguístico primário e transitório, a escrita permite a reflexão sobre o conteúdo da comunicação, sobre as coisas do mundo e o que delas sabemos. Enquanto registro perene, promove também a segurança e consolida o contrato social. (CAPOVILLA *et al.*, 2001, p. 1.491)

Por registro secundário, os autores chamam a atenção para o fato de que a escrita é posterior à língua falada. Também está implicado no excerto acima que a língua na modalidade falada (seja a oral ou a visual, já que a oposição aqui é em relação à modalidade escrita) é evanescente, passageira, enquanto a escrita é permanente. Sob tal perspectiva é que os autores afirmam que:

Agrupamentos que não têm registro escrito da própria língua não têm dela o domínio necessário para articular, de modo sólido e seguro, seu desenvolvimento cultural e organização social. Permanecem sem a união da organização central efetiva e sem tradições ou memória, dependentes de feudos dispersos e de intermediários para obter informações transitórias, instáveis e vulneráveis a distorções e boatos. (CAPOVILLA *et al.*, 2001, p. 1.491)

Assim, o papel de unificar as pessoas de um dado território e num certo período de tempo, geração após geração, moldando a identidade de um povo é mais bem cumprido pela escrita do que apenas pela língua falada. Não se pode perder de vista também que um sistema de símbolos gráficos só é uma representação eficaz da língua, uma escrita de fato, se for capaz de representar e transmitir todo e qualquer pensamento (DEFRANCIS<sup>2</sup>, 1989 *apud* CAPOVILLA *et al.*, 2001).

Ora, as comunidades surdas brasileiras, enquanto detentoras de uma língua e uma cultura particular, precisam de um sistema de escrita eficiente das línguas de sinais que lhes sirva para a comunicação diária, para a comunicação entre surdos e ouvintes, para tirar do plano do transitório suas ideias, valores, produções artísticas, entre tantas outras coisas. Ter acesso a uma escrita da própria língua significa inclusive a possibilidade de maior desenvolvimento cognitivo da criança, que poderá ser alfabetizada em sua primeira língua, sem precisar da intervenção do português escrito; significa ter condições necessárias para um ensino bilíngue, pois a criança poderá aprender o português escrito a partir da escrita de sinais; significa poder produzir conhecimento técnico, científico, cultural

<sup>1</sup> Uma ou duas letras que representam um fonema. Por exemplo, em português o fonema /x/ pode ser representado pelos grafemas *ch* ou *x*.

<sup>2</sup> DEFRANCIS, John. **Visible Speech**: the diverse oneness of writing systems. Honolulu: Hawaii Press, 1989.

etc. em sua própria língua e democratizar tais conhecimentos; significa poder ter acesso às produções culturais de outras comunidades (surdas e ouvintes) por meio da tradução de textos escritos para textos escritos; significa também uma alternativa de sistema de notação linguística para o estudo científico comparativo das línguas de sinais, entre tantos outros usos.

Entendido por que uma escrita de sinais é necessária, a seguir discute-se no que consiste uma escrita de sinais e sua abrangência.

## Natureza e abrangência da escrita em língua de sinais

De acordo com Rosa (2008), os surdos constituem grupos linguísticos em todos os países, mas isso não ocorre em função de migração ou etnia. Na verdade, os surdos constituem grupos linguísticos por serem falantes de uma língua espaço-visual, que é sua primeira língua: “A língua de sinais anula a deficiência e permite que os surdos constituam, então, uma comunidade linguística minoritária diferente, e não um desvio da normalidade. Com a língua de sinais o surdo toma a palavra” (SKLIAR<sup>3</sup>, 1999, p. 142 *apud* ROSA, 2008, p. 55).

No Brasil, há pessoas surdas em todos os estados, sendo possível observar a organização das mesmas por meio da criação de associações de surdos por todo o país, dando origem a diferentes comunidades surdas brasileiras. Como o Brasil é um país de extensão continental, seria de se supor que cada comunidade surda brasileira detivesse uma língua de sinais diferente da outra, em que a diferença fosse maior ou menor em razão da distância geográfica. Mas não é essa a realidade que se constata no diálogo entre surdos de diversas regiões brasileiras. Há, claro, algumas variações regionais, tal como no português falado, mas a língua de sinais empregada pelos surdos do Nordeste é perfeitamente compreensível para os surdos do Sul, assim como o português falado no Sudeste do país é perfeitamente compreensível para os falantes do Norte.

No caso do português, percebe-se mais facilmente as razões para a “uniformidade” linguística, já que seus usuários entram em contato com variedades diferentes do português e também com o português padrão o tempo todo, por meio do rádio, televisão, livros, cartazes, *outdoors*, nas trocas comunicativas em viagens etc. No caso da Libras, o que vem assegurando essa “uniformidade” são principalmente dois fatores: (i) os encontros e eventos nacionais promovidos

<sup>3</sup> SKLIAR, C. (Org.). *Atualidade da Educação Bilingue para Surdos*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

constantemente, em que os surdos interagem, aprendendo e ensinando sinais regionais, e (ii) a atuação das escolas de surdos, como o INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos), por exemplo, que publicaram dicionários digitais da Libras, os quais não se restringiram à cidade do Rio de Janeiro, posto que foram levados para outras cidades e estados para servir de instrumento de ensino para os surdos e ouvintes interessados na Libras.

Esse retrato não é o retrato atual, mas é uma situação que pode ser considerada como recente. Há atualmente um avanço significativo no que diz respeito ao ensino da Libras e na forma de contato entre surdos de diferentes regiões – tecnologias como conversa por vídeo, videoconferência, CDs-ROM com histórias em Libras, bem como cursos a distância para o ensino da língua e para a formação de professores e intérpretes de Libras. Tem-se ainda o *Dicionário Ilustrado Enciclopédico Trilíngue*, de Fernando César Capovilla, que apresenta sinais das mais variadas regiões do Brasil. No entanto, o que ainda se encontra em processo de implementação, que favoreceria ainda mais a padronização da língua e seu registro – seja para servir de instrumento do conhecimento ou de objeto do conhecimento –, é uma escrita de sinais.

A função de uma escrita para línguas de sinais é basicamente a mesma para línguas orais: representar a língua por meio de uma organização gráfica, em que símbolos gráficos codificam (no sentido de código mesmo) os elementos fundamentais da língua a ser representada. Isso quer dizer que a escrita das línguas de sinais procura representar seu elemento visual da mesma forma como a escrita das línguas orais representa seu sistema sonoro.

Como mencionado anteriormente, o português apresenta uma escrita alfabética, mas há outros tipos de escrita, como as ideográficas<sup>4</sup>. Inicialmente, no caso de línguas visuais, você pode pensar que o sistema alfabético não seja uma boa opção, já que alfabeto remete a letras e os sinais das línguas visuais não são compostos por aquilo que comumente se entende ser uma letra. Por isso, é bom esclarecer desde já que o termo alfabético surge realmente da possibilidade de representar línguas por meio de letras (grafemas), mas a característica que interessa desse sistema é que as letras são um tipo de símbolo convencionalizado, cada uma delas codificando um fonema (som distintivo dentro da língua), que conforme sua organização representa as palavras de uma língua. Elemento este a partir do qual é possível formar frases e com elas textos.

Numa escrita de sinais, os símbolos convencionalizados não são letras, mas elementos pictóricos que codificam os parâmetros que formam os sinais: configura-

---

<sup>4</sup> O sistema de escrita Kanji, do japonês, é ideográfico, assim como os hieróglifos egípcios.

ção de mão, ponto de articulação, orientação da palma da mão, expressão facial, tipo de contato, entre outros elementos visuais importantes para a constituição e reconhecimento dos sinais. Com isso, a escrita alfabética de uma língua visual é tão possível e eficiente quanto a de uma língua oral, compartilhando com esta, inclusive, a possibilidade de poder ser usada para codificar qualquer língua de sinais, sendo necessário apenas uma conformação do sistema à ortografia de cada língua – no caso das línguas orais, pense que a escrita alfabética representa línguas como o inglês, francês, italiano, alemão, espanhol etc.

Em relação à sua facilidade de uso, ensino e aprendizagem, convém destacar que:

A escrita alfabética é um sistema gerativo que possibilita ler qualquer palavra nova. Ela permite a autoaprendizagem pelo leitor. O processo aos poucos contribui para criar uma representação ortográfica (correta grafia) de cada palavra, que será então lida pela rota lexical, o que acontece com as palavras já bem conhecidas e que aparecem com frequência (exemplo, coca-cola). (STUMPF, 2005, p. 30)

Como se não bastasse isso, o domínio da escrita permite o desenvolvimento de atividades específicas, próprias da sociedade letrada atual. Nunca é demais lembrar que numa sociedade letrada os que não dominam o código escrito sofrem exclusão social, ficando à margem das oportunidades de emprego, saúde, educação, sendo privados do exercício de uma cidadania plena. E mais especificamente, para os surdos, uma escrita de sinais significa:

[...] uma habilidade que pode nos dar muito poder de construção e desenvolvimento de nossa cultura. Pode nos permitir também muitas escolhas e participação no mundo civilizado do qual também somos herdeiros, mas do qual até agora temos ficado à margem, sem poder nos apropriar dessa representação. Durante todos os séculos da civilização ocidental, a escrita própria fez falta para os surdos, sempre dependentes de escrever e ler em outra língua, que não podem compreender bem, vivendo com isso uma grande limitação. (STUMPF, 2002, p. 63)

Em resposta a esse desejo, necessidade e direito linguístico e cultural dos surdos, dois sistemas alfabéticos de escrita vêm sendo trabalhados e aperfeiçoados, no Brasil, para representar a Libras. A seguir, você encontra uma explanação básica sobre cada um deles, onde surgiram, como se estruturaram, exemplos isolados e em texto. O objetivo não é que você aprenda essas escritas por meio dessa breve explicação, mas apenas que se familiarize e seja capaz de formular suas próprias hipóteses ao se deparar com essas escritas em suas situações de trabalho.

## Escrita de língua de sinais

A explanação aqui ofertada toma como base o artigo de Mariângela Estelita, publicado no livro *Estudos Surdos II*, em 2007, no qual a autora sintetiza os prin-

cípios da escrita de língua de sinais (ELiS) e relata o processo de aplicação dessa escrita por um grupo de alunos surdos, o que resultou em algumas alterações na proposta. Esse sistema é descrito por sua criadora, Estelita, como um sistema alfabético e linear. Alfabético por representar os elementos constitutivos da língua, e linear por apresentar os símbolos um após o outro, numa sequência.

A autora esclarece que o sistema foi criado em sua pesquisa de mestrado, em 1997, e que tem passado por aperfeiçoamentos sugeridos por colegas surdos e ouvintes, e também em função de suas próprias reflexões linguísticas. Nesse sentido, a estrutura do sistema apresentada pela autora é a de 2007, sendo que ela contextualiza seu leitor sobre a origem de sua invenção.

[...] tive a oportunidade de ir aos EUA como intérprete (de inglês) e conheci a Gallaudet University, em cuja biblioteca me *internei* por três dias, nutrindo-me da riqueza dos materiais sobre línguas de sinais reunidos em um só lugar. Lá, em 1997, conheci os trabalhos de Stokoe (1965) e de Valérie Sutton (1981) e soube então que eu não alimentava um sonho solitário. Muni-me de muitos livros e voltei para finalizar meu mestrado. Estudei a proposta de ambos os autores e identifiquei meu trabalho com a percepção dos parâmetros demonstrada na pesquisa de Stokoe (1965). [...] Devo reconhecer, portanto, que a ELiS tem base no sistema de Stokoe (1965), que é uma base alfabética, ou seja, uma tentativa de representação gráfica de cada fonema da língua. (ESTELITA, 2007, p. 214-215)

Segundo a autora, no trabalho em conjunto com os surdos, acontecido em janeiro de 2007, as modificações realizadas foram apenas nos níveis fonológico e morfológico, ou seja, na criação de novos quirografemas (símbolos para representar os sinais) e na combinação de alguns deles. Também se discutiu, nesse encontro, as vantagens e desvantagens da escrita alfabética, o que se ganha e o que se perde com esse tipo de sistema.

Às vezes desejamos detalhar bem as configurações de mão, ou o movimento e ficamos felizes com a mudança que fazemos, ainda que temporariamente, pois em outras situações queremos o contrário. Há vezes em que diminuimos o nível de detalhamento, e acabamos simplificando demais, o que dificulta a leitura. E ficamos assim, a balancear detalhamento e simplificação em nossas discussões. (ESTELITA, 2007, p. 215)

Em relação à estrutura propriamente dita da ELiS, a autora destaca sua natureza de base alfabética, linear e organizada a partir dos parâmetros dos sinais propostos por Stokoe (1965), a saber, configuração de mão, ponto de articulação e movimento. Os símbolos representativos desse sistema também são denominados de letras como no alfabeto latino, ou como quirografemas, ou seja, unidades mínimas (-ema) escritas (graf-) dos quiremas (quiro-), uma nomenclatura específica para a escrita dos elementos das línguas de sinais, e sua disposição, linear, é feita da esquerda para a direita.

A ELiS privilegia a escrita de quatro parâmetros: Configuração de Dedos<sup>5</sup> (CD), Orientação da Palma (OP), Ponto de Articulação (PA) e Movimento (MOV), sendo que a ordem em que os parâmetros são escritos é sempre a mesma para cada sinal: configuração de dedos, orientação da palma, ponto de articulação e movimento, com o detalhe de que o parâmetro movimento deve ser omitido quando for ausente no sinal. A seguir, você encontra exemplos da representação de cada um desses parâmetros e uma sucinta explicação sobre eles.

As *configurações de dedos* se subdividem em dois subgrupos: polegar e demais dedos. As representações dos seus quirografemas – símbolos que codificam o parâmetro em questão – com os respectivos significados são:

### Quadro 1 – Representação das configurações de dedos







Polegar	
•	Fechado: polegar dobrado em todas as suas articulações.
<	Curvo: polegar dobrado apenas na primeira articulação.
/	Paralelo à frente: polegar estendido à frente da palma, paralelamente a ela.
\	Perpendicular à frente: polegar estendido perpendicularmente à frente da palma.
	Paralelo ao lado: polegar estendido, ao lado da palma, paralelamente a ela.
—	Perpendicularmente ao lado: polegar estendido perpendicularmente ao lado da palma.
Demais dedos	
•	Fechado: dedos dobrados em todas as suas articulações.
⌋	Muito curvo: dedos dobrados na segunda e na terceira articulações.
⌋	Curvo: dedos arqueados nas três articulações.
\	Inclinado: dedos dobrados na terceira articulação.
	Estendido: dedos com todas as articulações estendidas.

(ESTELITA, 2007, p. 219)

<sup>5</sup> As configurações de dedos são, na verdade, traços das configurações de mão. Elas indicam a posição de cada dedo em uma dada configuração de mão. O conceito de configuração de dedos e sua representação permite registrar um número maior de sinais, com mais sofisticação, sendo possível captar variações nas realizações dos sinais, seja por motivos poéticos, de estilo individual do sinalizador etc.

As diferentes *orientações da palma da mão*, não consideradas por Stokoe (1965) na elaboração de seu sistema de notação da ASL (Língua de Sinais Americana), foram incluídas na ELiS como um parâmetro, pois a autora defende que a sua indicação expressa é essencial à leitura do sinal.

















**Quadro 2 – Representação da orientação da palma da mão**

Orientação da palma	
	Palma para frente
	Palma para trás
	Palma concêntrica (voltada para a linha mesial)
	Palma excêntrica (voltada para a linha distal)
	Palma para cima
	Palma para baixo.

(ESTELITA, 2007, p. 220)

Os pontos de articulação se dividem em quatro subgrupos: cabeça, tronco, membros e mão. As localizações de cada ponto de articulação não têm fronteiras exatas, pois o corpo é um *continuum*. Segundo a autora, essa característica pode gerar dúvidas em alguns sinais, que apenas poderão ser sanadas por um processo de padronização da escrita, de ortografia.

**Quadro 3 – Representação para os pontos de articulação situados na cabeça e no tronco**

Cabeça			
	Espaço à frente do rosto		Maçã do rosto
	Alto da cabeça		Nariz
	Atrás da cabeça		Buço
	Lateral da cabeça		Boca
	Orelha		Dentes
	Testa		Bochecha
	Sobrancelha		Queixo
	Olho		Abaixo do queixo

(ESTELITA, 2007, p. 221)



#### Quadro 4 – Representação para os pontos de articulação situados no tronco

Tronco	
$\pi$	Pescoço
$\phi$	Tórax
$\oplus$	Espaço ao lado do tronco
$\lrcorner$	Ombro
$\wedge$	Axila
$) ($	Abdômen

(ESTELITA, 2007, p. 221)

#### Quadro 5 – Representação para os pontos de articulação situados nos membros e na mão

Mão		Membros	
$\mu$	Palma da mão	$\langle$	Braço inteiro
$\gamma$	Dorso da mão	$\lrcorner$	Braço
$\triangle$	Dedos	$\surd$	Cotovelo
$)$	Lateral de dedo	$\lrcorner$	Antebraço
$\nabla$	Intervalo entre dedos	$\diamond$	Pulso
$\#$	Articulação de dedo	$\#$	Perna
$\gg$	Ponta de dedo		

(ESTELITA, 2007, p. 222)

Finalmente, os *movimentos* são divididos em três subgrupos: externos à mão, internos à mão, sem as mãos. Movimentos externos são os que incluem o braço e/ou antebraço; já os movimentos internos são os realizados apenas com os dedos e as mãos; movimentos sem as mãos, por sua vez, dizem respeito aos realizados por outras partes do corpo, como olhos, bochechas, boca.

**Quadro 6 – Representação dos movimentos externos à mão**

Movimentos externos à mão			
	Para frente		Diagonal para cima e esquerda
	Para trás		Diagonal para cima e direita
	Para frente e para trás		Diagonal para baixo e esquerda
	Para cima		Diagonal para baixo e direita
	Para baixo		Girar o antebraço
	Para cima e para baixo		Circular vertical
	Para a direita		Circular horizontal
	Para a esquerda		Circular frontal
	Para a direita e para a esquerda		

(ESTELITA, 2007, p. 223)












A autora observa que as setas dos movimentos direcionais podem ter diacrítico (sinais colocados acima ou abaixo do símbolo para movimento de forma a explicitar alguma especificidade quanto ao movimento em questão) incorporado para expressar diferenças no percurso do movimento. A linha reta é a representação *default*; ela pode ser substituída pela linha em zigue-zague, linha em espiral ou linha ondulada. Nesses casos, o movimento incorpora a variação, mas mantém sua direção e seu sentido.

**Quadro 7 – Representação dos movimentos internos à mão**

Movimentos internos à mão			
	Abrir a mão		Friccionar de dedos
	Fechar a mão		Tamborilar de dedos
	Abrir e fechar a mão		Dobrar o pulso
	Flexionar os dedos na 1.ª artic.		Movimentar o pulso lateralmente
	Flexionar os dedos na 2.ª artic.		Girar o pulso
	Unir e separar os dedos		

(ESTELITA, 2007, p. 223-224)

## Quadro 8 – Representação dos movimentos sem as mãos

Movimentos sem as mãos	
	Negação com a cabeça
	Afirmação com a cabeça
	Língua na bochecha
	Língua para fora
	Corrente de ar
	Vibrar os lábios
	Movimento lateral do queixo
	Murchar bochechas
	Inflar bochechas
	Abrir a boca
	Piscar os olhos

(ESTELITA, 2007, p. 224)

## Algumas especificações sobre as combinações de configurações de dedos

Ao representar as combinações dos dedos numa dada configuração de mão, todos os dedos são representados simultaneamente em uma estrutura sequencial – um dedo após o outro – e a ordem das representações é significativa e invariável – o primeiro dedo a ser representado é o polegar, seguido do indicador, médio, anular e mínimo, em uma ordem anatômica. A escrita das combinações de configurações de dedo foi organizada da seguinte forma:

- Mão esquerda e mão direita são representadas igualmente, sem espelhamento.
- A escrita das configurações dos dedos segue a ordem anatômica da mão direita (da esquerda para a direita, como todo o sistema): polegar, indicador, médio, anular e mínimo.
- Na maioria das combinações, não são todas as configurações de dedo que precisam ser escritas. Quando as configurações de todos os dedos subsequentes ao que se está representando forem iguais à dele, elas não serão escritas.

- Quando os dedos 1, 2, 3 ou 4 estiverem unidos um ao outro, haverá um traço horizontal em sua representação.
- Quando algum dedo estiver em contato com o polegar, haverá um pequeno círculo sobre a representação do dedo que faz o contato.
- Quando dois dedos se cruzarem, as linhas dos quirografemas que os representam também aparecerão cruzadas. (ESTELITA, 2007, p. 227. Adaptado)

Agora, você pode tentar depreender alguns dos princípios aqui abordados no exemplo a seguir, que se trata de um texto produzido pelos alunos durante o curso de aplicação e reformulação da ELiS em 2007.

<p>  sinal-nome (menina)         </p>	<p>  conhecer         </p>	<p>  tartaruga         </p>	<p>(ESTELITA, 2007, p. 233)</p>		
<p>  sinal-nome (menina)         </p>	<p>  ir         </p>	<p>  junto         </p>		<p>  mãe         </p>	
<p>  praia         </p>					
<p>  sinal-nome (menina)         </p>	<p>  brincar         </p>	<p>  areia         </p>		<p>  ver         </p>	
<p>  assustar         </p>	<p>  tartaruga         </p>	<p>  grande         </p>			
<p>  sair-chorar-correr         </p>		<p>  seguir         </p>		<p>  mãe         </p>	
<p>  mãe         </p>		<p>  explicar         </p>		<p>  chorar-não         </p>	<p>  porque         </p>
<p>  tartaruga         </p>	<p>  morder-não         </p>	<p>  poder         </p>		<p>  carinho         </p>	
<p>  sinal-nome (menina)         </p>	<p>  resolver         </p>	<p>  carinho         </p>			
<p>  tartaruga         </p>	<p>  admirar         </p>	<p>  igual         </p>		<p>  tamanho         </p>	
<p>  Christiane         </p>	<p>  Juliana         </p>	<p>  Letícia         </p>	<p>  Rodrigo         </p>		

Estelita (2007) chama a atenção para o fato de que a primeira palavra é bastante representativa da importância de uma escrita das línguas de sinais. A primeira palavra do texto, no título e no corpo do texto, é o sinal-nome que o grupo criou para a menina da gravura<sup>6</sup>. O texto não mostra um nome soletrado

<sup>6</sup> O texto foi elaborado em conjunto pelos alunos com base na gravura de uma menina sobre uma tartaruga, a qual tinha o mesmo tamanho da menina.

em português, mas simplesmente um sinal-nome, suficiente para identificá-la dentro da cultura surda, intraduzível para o português. Há também, no texto, exemplo de simultaneidade de signos linguísticos – “sair correndo chorando” – característica exclusiva das línguas de sinais, impossível em línguas orais devido à sequencialidade da cadeia dos sons na fala. Além disso, se apenas as palavras em português forem lidas, poderá ser percebido que a gramática não é a desta língua, mas sim da Libras.

Repare que em termos de organização sobre o papel uma palavra é separada da outra por espaço em branco e parágrafos são marcados com espaçamento diferenciado em relação à margem esquerda do papel. Quanto à pontuação, são empregados os mesmos recursos usados em línguas orais, sendo que o ponto final e os dois pontos são círculos, para que não sejam confundidos com diacríticos ou configurações de dedos. Algumas informações gramaticais dadas por expressões faciais – como subordinação de orações encaixadas, os tipos de frase (interrogativa, exclamativa, afirmativa e imperativa) também são expressos pela pontuação. Segue abaixo a tradução do texto para o português elaborada por Estelita (2007, p. 234):

## **A menina (sinal-nome) conhece a tartaruga**

A menina (sinal-nome) foi junto com sua mãe para a praia.

A menina (sinal-nome) estava brincando na areia quando viu uma tartaruga muito grande. Ela ficou muito assustada e saiu correndo e chorando para perto de sua mãe.

Sua mãe explicou que não precisava chorar, porque a tartaruga não morde. Disse que podia fazer carinho nela.

A menina (sinal-nome) resolveu ir fazer carinho na tartaruga e ficou muito animada em ver que elas eram do mesmo tamanho.

A partir do texto em ELiS, com suas glosas e a respectiva tradução, é possível verificar que essa escrita cumpre bem o papel de representar e expressar as ideias formuladas em Libras, respeitando a gramática dessa língua e suas demais particularidades. À medida que é capaz de representar os aspectos essenciais dos sinais, possibilitando a leitura dos mesmos por um leitor distante, que conheça o sistema, a ELiS se mostra um sistema capaz de ser um instrumento de comunicação por escrito. Por fim, ao concluir seu trabalho, a autora avalia:

[...] a estrutura que apresento aqui ainda não é a ELiS, é uma proposta de ELiS. Este novo sistema entra agora em um estágio de experimentação prática. Nesse período, o objetivo é difundi-lo e, assim, liberá-lo para evoluir pelo uso. Os surdos, ao começar a usá-la, estão se apropriando dessa estrutura, adaptando-a para melhor representar a Libras, inovando em soluções, aplicando-a em inúmeras e imprevisíveis finalidades. (ESTELITA, 2007, p. 236)

## SignWriting

Esta seção sobre o SignWriting é baseada em passagens de textos do artigo de Capovilla *et al.* (2001) sobre a importância de uma escrita de sinais para o ensino da leitura a crianças surdas, de um capítulo de Capovilla e Sutton (2001) sobre como ler e escrever a Libras por meio do SignWriting, e na tese da professora doutora surda Mariane Stumpf sobre a aprendizagem de escrita de sinais pelo sistema SignWriting.

A ideia para o desenvolvimento do SignWriting se originou a partir de um sistema notacional para descrever os movimentos das danças, o DanceWriting. A responsável por esse sistema de notação de danças foi Valerie Sutton, coreógrafa americana. Tendo percebido a potencialidade desse sistema para escrever sinais, dinamarqueses da Universidade de Copenhague solicitaram que, a partir da ideia de sistematização do DanceWriting, Valerie Sutton desenvolvesse um sistema de escrita para a língua de sinais. A partir daí, a coreógrafa, juntamente com os surdos, trabalhou suas notações gráficas procurando representar a visualidade das línguas de sinais, dando origem ao SignWriting, que pode registrar qualquer língua de sinais sem passar pela tradução da língua falada. O SignWriting pode ser aplicado a qualquer língua de sinais porque foi estruturado de forma a representar os elementos fundamentais dos sinais, os parâmetros que os compõem. Portanto, para usar o SignWriting, é preciso saber bem uma língua de sinais, sendo que cada língua de sinais vai adaptá-lo à sua própria ortografia.

Segundo Capovilla e Sutton (2001), quanto à sua disposição no papel, o sistema SignWriting pode ser escrito de diferentes perspectivas: de cima para baixo, a partir do ponto de vista receptivo, ou do ponto de vista do sinalizador etc. A primeira vez que se tem registro de que o SignWriting e a Libras foram usados conjuntamente foi no *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira* (CAPOVILLA *et al.*, 2001). Segundo os autores, o propósito era mostrar um sistema de escrita visual de um modo suficientemente claro, permitindo ao surdo brasileiro ler e escrever sinais da Libras e empregar essa escrita como fer-





ramenta para o registro e aperfeiçoamento de sua língua para, posteriormente, dar-se início ao registro da história de sua produção cultural e literária em sua própria língua materna.

O SignWriting é também um sistema de escrita alfabético e, como tal,

[...] emprega diferentes símbolos visuais para representar as diversas dimensões relevantes à composição sublexical dos sinais, tais como as configurações de mão, sua localização no espaço da sinalização e sua orientação nos planos da sinalização; os tipos, formas, frequências e direções dos movimentos envolvidos; as expressões faciais associadas; e as modulações de mímica e pantomima para fazer a descrição analógica precisa de particularidades das situações descritas. (CAPOVILLA *et al.* 2001, p. 1.495)

Nem todos os surdos do Brasil conhecem essa escrita, mas já se veem indícios dela em diversos estados brasileiros. A seguir você pode acompanhar exemplos de como os parâmetros da Libras são codificados pelo SignWriting e entender um pouco mais como funciona uma escrita visual.

Configurações básicas das mãos

		<b>Punho fechado</b>	IESDE Brasil S.A.
		<b>Punho aberto</b>	
		<b>Mão plana</b>	

Cada uma dessas configurações de mão (consideradas básicas, mais à frente você verá mais possibilidades de configuração de mão) podem ser acrescidas de uma ou mais linhas para representação dos dedos, conforme se pode ver na figura seguinte.

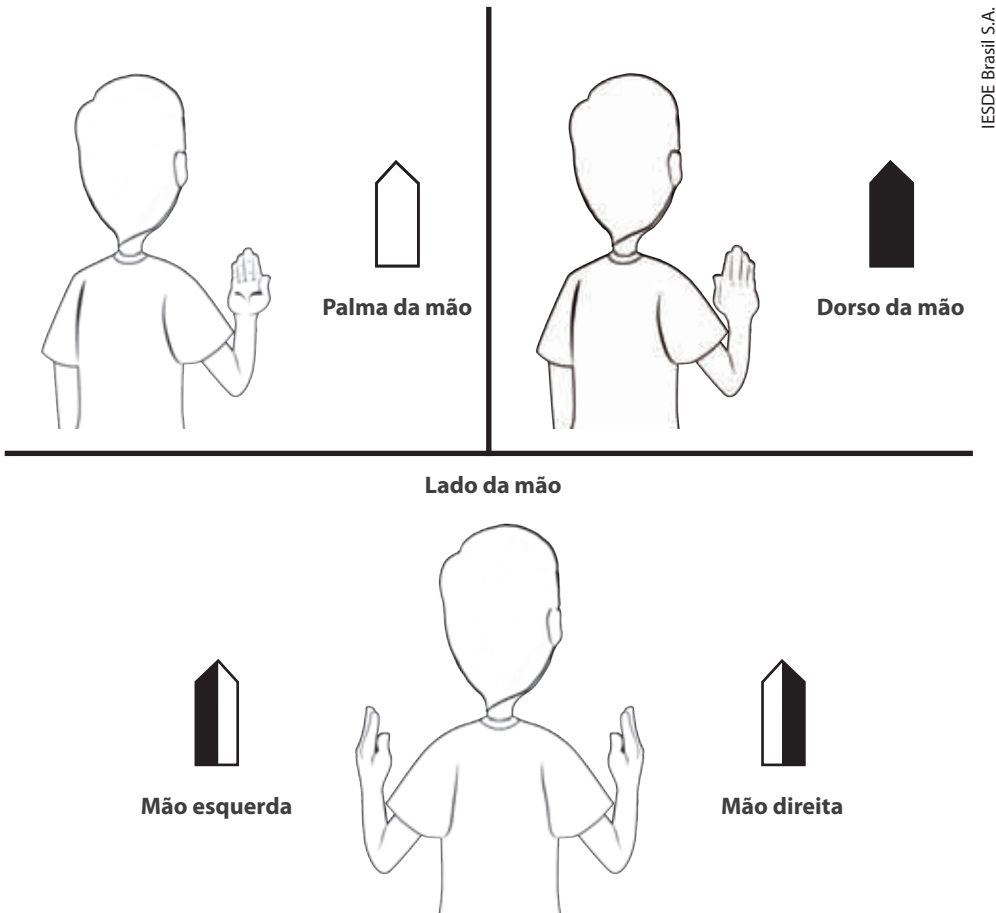
Adicionar linhas para os dedos

		<p><b>Mão Indicadora</b></p>
		<p><b>Mão - D</b></p>
		<p><b>Mão aberta</b></p>

IESDE Brasil S.A.













Outro elemento muito importante para a escrita e leitura dos sinais, contemplado pelo SignWriting, é a localização do sinal no espaço de sinalização e sua orientação nos planos de sinalização. A ilustração a seguir contempla, em parte, esses aspectos à medida que dá conta da localização espacial e orientação do sinal do ponto de vista do sinalizador:





















Repare que o ponto de vista é o do próprio sinalizador. Assim, é como se o aprendiz da escrita de sinais se posicionasse por trás do sinalizador e pudesse acompanhar, nesse ponto, todas os passos necessários para realizar os sinais, como se estivesse copiando os movimentos do sinalizador a sua frente. Outro parâmetro das línguas de sinais considerado no SignWriting diz respeito ao ponto de articulação dos sinais e o tipo de contato envolvido quando o sinal apresenta contato.

Seis símbolos de contatos

 Papai		Tocar
 Entrar		Escovar
 Brabo		Esfregar
 Pagar		Bater
 Voltar		Entre
 Maravilha		Pegar











Repare que no primeiro sinal (papai) há dois asteriscos, isso significa que o sinal envolve dois toques (a repetição de qualquer símbolo de contato representa que o contato é repetido). Além disso, os símbolos também trazem a informação sobre a direção do contato: observe a seta no sinal de entrar. Ela indica que o contato de escovar é realizado para frente pela mão direita sobre a mão esquerda. Da mesma forma, o sinal de pagar traz a informação, por meio da seta apontada para baixo, de que a mão fechada deve incidir sobre a palma da mão. A seguir, você tem à disposição configurações de mão mais complexas, pois envolvem não só o formato do punho, mas também sua orientação, ponto de vista e seleção de dedos.

## Configuração de mãos








		Punho fechado de frente			Punho fechado, indicador estendido de frente
		Punho aberto de perfil			Punho aberto, indicador estendido de perfil
		Mão plana de frente			Mão plana aberta – forma com 5 de frente
		Mão curvada de perfil			Mão curvada de perfil

IESDE Brasil S.A.

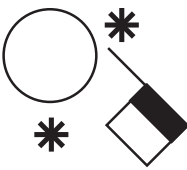












A seguir, você pode analisar a presença de algumas dessas configurações por meio dos exemplos de sinais escritos em SignWriting retirados do site <[www.signbank.org/SignPuddle1.5](http://www.signbank.org/SignPuddle1.5)>..:

	<table border="1"> <tr><td></td></tr> <tr><td></td></tr> <tr><td></td></tr> </table>			
				
				
				
<p>casa house, lar, home</p>				

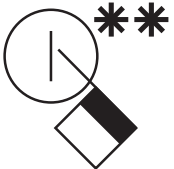












IESDE Brasil S.A.

	<p>certa; certo</p>	<table border="1"> <tr><td></td></tr> <tr><td></td></tr> </table>		
				
				
<p>certo certa</p>				











IESDE Brasil S.A.

	<p>surdo ou surda</p>	<table border="1"> <tr><td></td></tr> <tr><td></td></tr> <tr><td></td></tr> <tr><td></td></tr> </table>				
						
						
						
						
<p>surdo deaf, deaf man, deaf woman</p>						

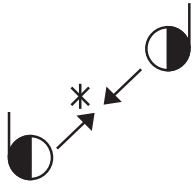















IESDE Brasil S.A.

	<p>mamãe, mother</p>	<table border="1"> <tr><td></td></tr> <tr><td></td></tr> <tr><td></td></tr> <tr><td></td></tr> </table>				
						
						
						
						
<p>mamãe mãe, mother</p>						

IESDE Brasil S.A.

	<p>ver</p>	<table border="1"> <tr><td></td></tr> <tr><td></td></tr> <tr><td></td></tr> </table>			
					
					
					
<p>olhar</p>					

IESDE Brasil S.A.

	<p>encontrar, meet (verb)</p>	<table border="1"> <tr><td></td></tr> <tr><td></td></tr> <tr><td></td></tr> <tr><td></td></tr> <tr><td></td></tr> </table>					
							
							
							
							
							
<p>encontrar enconhecer</p>							

IESDE Brasil S.A.

# Relação entre escrita de sinais, interpretação e tradução

Após você ter adquirido esses conhecimentos básicos sobre as duas escritas de sinais empregadas para o registro da Libras, pode acompanhar a reflexão empreendida nesta seção sobre a importância de uma escrita de sinais para a área de interpretação e tradução em Libras.

A escrita de sinais é um meio de registrar a Libras que resgata a visualidade dessa língua com maior detalhe do que aquela permitida pelas glosas, representando um instrumento de trabalho muito mais útil aos intérpretes. Afinal, com escritas alfabéticas de sinais, o intérprete pode ver na própria escrita como sinalizar os sinais, quais os parâmetros necessários e a sua forma adequada de realização. Além do mais, pode capturar especificidades da Libras que não são contempladas pelo sistema de glosas, como movimento, tipo de contato e expressão facial.

Pelas razões acima, a escrita de sinais elimina a necessidade de uma escrita intermediária que sirva de base ao processo de tradução, quando o intérprete precisa do apoio de um texto escrito, a glosa, para filmar determinadas interpretações. Outra vantagem dos sistemas descritos é que textos escritos em português podem ser traduzidos diretamente para a escrita de sinais e vice-versa. Esses são aspectos relevantes específicos para área de tradução e interpretação da Libras.

Num âmbito geral, o uso da escrita de sinais por surdos, intérpretes etc. contribui para a disseminação da Libras e para sua padronização. Constitui-se em instrumento de aprendizagem, posto que os usuários da Libras poderão adquirir conhecimentos e informação sobre qualquer área do saber por meio de textos escritos originalmente em SignWriting ou ELiS, ou por meio de textos traduzidos para essas escritas, o que abre a possibilidade de um novo campo de atuação para tradutores de Libras. Um novo campo também se abre para os professores de Libras, uma vez que a escrita da língua de sinais também é um objeto do conhecimento, precisa ser sistematicamente ensinada aos que já possuem uma língua de sinais, da mesma forma como a escrita da língua portuguesa é ensinada aos falantes do português. Nessa perspectiva, a escrita de sinais é essencial para o ensino da leitura e escrita de crianças surdas em sua língua materna, a partir do que se pode pensar no ensino da língua escrita portuguesa, promovendo o bilinguismo que tanto se apregoa nos documentos oficiais de ensino, mas que, até então, ainda encontra barreiras para sua efetiva implementação.

Para concluir, a possibilidade da escrita permitirá o desenvolvimento das comunidades surdas, sua cultura, à medida que as coloca em contato e perpetua suas ideias, valores e ainda lhes dá acesso ao mundo ouvinte por meio da tradução que a escrita de sinais viabiliza.

---

## Texto complementar

### SignWriting: a escrita do surdo

(SILVA, 2009)

O termo em inglês SignWriting (escrita de sinais) nada mais é do que o nome utilizado para fazer menção ao sistema de escrita dos usuários das línguas de sinais. Isso significa que as comunidades surdas, das mais diferentes partes do mundo, já dispõem de um recurso por meio do qual podem registrar sua língua e suas ideias, tornando-as atemporais e, assim, um legado para a cultura. É bem verdade que esse sistema de escrita ainda está em desenvolvimento e sob estudo, contudo, a possibilidade nascente de transpor a língua de sinais para a escrita é uma conquista cujos resultados e consequências só poderão ser medidos no futuro.

Até então, o único meio de registrar as produções dos surdos eram as filmagens, um procedimento de alto custo quando se pensa na criação de materiais em alta escala, com a desvantagem – ao contrário da escrita – de que o que foi registrado não pode ir sendo revisado e reorganizado durante o processo, mas apenas ao seu término. Além da filmagem, outro recurso empregado, como forma paliativa, é a glosa, ou seja, a transcrição da língua de sinais com o auxílio das línguas orais. Todavia, esse recurso é bastante restrito, uma vez que não contempla muitas sutilezas visuais inerentes às línguas de sinais, sendo usada, principalmente, em pesquisas linguísticas com o objetivo de oferecer uma espécie de tradução a partir da qual os pesquisadores podem propor certas discussões quanto à estrutura das línguas de sinais, em seus níveis fonológico, morfológico e sintático.

Dessa forma, o SignWriting seria uma ferramenta mais adequada para a transposição escrita das línguas de sinais, configurando-se, inclusive, como uma nova linguagem, que disciplina o pensamento e, ao transcrevê-lo, o or-

ganiza. De forma similar ao que ocorreu com as línguas orais, a instauração de um método de escrita para as línguas visuais abre possibilidades ilimitadas ao desenvolvimento da cultura e à produção de conhecimento nas comunidades surdas, uma vez que a escrita de sinais cumpre o papel de armazenar e propagar informações entre os indivíduos, ao longo das gerações. No entanto, para que tal possibilidade se torne real, é preciso que se ensine o SignWriting aos usuários das línguas de sinais. O problema é que não existem ainda profissionais com formação para essa tarefa, e o que se tem feito em termos de alfabetização de surdos em escrita de sinais são ações isoladas e específicas de pesquisadores cujos objetivos são descobrir e aperfeiçoar métodos de ensino para o SignWriting.

No Brasil, pode-se citar o trabalho da professora doutora Marianne Stumpf, que demonstra que as crianças surdas, ao aprenderem a escrita de sinais, passam pelas mesmas etapas de alfabetização pelas quais passam as crianças ouvintes ao aprenderem a escrita do português. A pesquisa revela ainda que o SignWriting é um sistema de escrita muito mais facilmente assimilado pelos surdos, pois ele pretende uma representação visual de uma língua que também é visual. Assim, a escrita de sinais, por se fundamentar em elementos visuais, é para o surdo um sistema de grafia muito mais compreensível do que o alfabético, baseado em elementos fônicos. A criação do SignWriting remonta à década de 1970, mas apenas agora ele começa a ser divulgado e empregado. Curiosamente, esse sistema de escrita foi elaborado, inicialmente, como uma forma de registrar as coreografias a serem realizadas em uma apresentação de dança. Uma vez percebida a oportunidade de aplicá-lo às línguas de sinais – representando seus movimentos, suas configurações e expressões –, empreenderam-se estudos no sentido de transformar aquele sistema inicial, básico, em um sistema suficientemente elaborado para funcionar como meio de representação de uma língua. Desde então, estudos ainda vêm sendo realizados e aperfeiçoamentos são constantes, tal como ocorre com as escritas das línguas orais – o português, por exemplo, passou recentemente por uma reforma ortográfica.

Como toda escrita, o SignWriting possui seus princípios de organização, que tentam – nesse sentido, aliás, toda escrita é uma tentativa – representar a língua utilizada pelos surdos. Entre os princípios básicos, estão a representação das mãos levando em conta sua orientação (se a mão é vista de frente, de perfil etc.) e sua distância do corpo (perto ou longe); do ponto de articulação

(se a mão toca alguma parte do corpo); do movimento presente no sinal (se é circular, se é alternado, se é lento etc.); do sentido em que o sinal é realizado (esquerda ou direita). Muitos outros elementos presentes nas línguas de sinais são contemplados pelo SignWriting e, assim como na escrita alfabética do português, os elementos desse sistema são finitos e podem ser organizados e reorganizados a fim de formar os diferentes sinais escritos. Isso significa que ele é um sistema reversível e, como tal, seu aprendizado demanda ensino específico e treino. Porém, como todo sistema de escrita, ele também apresenta limitações que, entretanto, não constituem motivo para se desistir dele. Afinal, a escrita do português não é capaz de representar as diferentes inflexões de vozes, que podem atribuir significados totalmente diferentes a uma dada frase, e nem por isso vemos nessa limitação uma razão para pôr em desuso a escrita dessa língua.

Finalmente, é interessante observar que, para os surdos, a possibilidade de empregar um sistema de escrita que contemple sua língua materna representa – mais do que um avanço técnico – o prazer de poder se expressar, para além de sua geração, em sua própria língua. Simboliza também o valor de ter uma língua que pode ser escrita e preservada ao longo dos séculos – nas línguas orais, foi a invenção da escrita que permitiu que elas se fixassem e se padronizassem, possibilitando a seus usuários entender-se e comunicar-se mesmo quando separados pela distância física ou pela distância temporal.

---

## Dicas de estudo

“Como ler e escrever sinais da Libras: a escrita visual direta de sinais SignWriting”, de Capovilla e Sutton, 2001, em Capovilla, Raphael e Maurício (Eds.), Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira. v. 2 São Paulo: Edusp, Fapesp, Fundação Vitae, Feneis, Brasil Telecom, 2001.

O texto é indicado para os que desejam se aprofundar na leitura e escrita de sinais, uma vez que os autores descrevem os princípios de organização desse sistema detalhadamente, passo a passo, dando exemplos a cada etapa.



*ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática*, de Mariângela Estelita, 2008. Tese (Doutorado). Disponível em: <[www.ronice.cce.prof.ufsc.br/index\\_arquivos/Documentos/Mariangela%20Estelita%20.pdf](http://www.ronice.cce.prof.ufsc.br/index_arquivos/Documentos/Mariangela%20Estelita%20.pdf)>.

Por meio da tese da autora é possível aprofundar as reflexões teóricas que levaram ao desenvolvimento da ELiS e conhecer os detalhes da representação alfabética que a autora propõe para as línguas de sinais.

---

## Atividades

1. No que consistem as configurações de dedos propostas por Estelita (2007) para o sistema de escrita denominado ELiS?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

2. O que significa dizer que as escritas de línguas de sinais também podem seguir o sistema alfabético?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---



CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. *et al.* A escrita visual direta de sinais SignWriting e seu lugar na educação da criança surda. *In*: CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D., MAURICIO, A. C. (Eds.). **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngua da Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo: Edusp, Fapesp, Fundação Vitae, Feneis, Brasil Telecom, 2001. v. 2.

ESTELITA, Mariângela. ELiS: Escrita das Línguas de Sinais. *In*: QUADROS, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis (Orgs.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007.

ROSA, Andréa Silva. **Entre a Visibilidade da Tradução da Língua de Sinais e a Invisibilidade da Tarefa do Intérprete**. Petrópolis: Arara Azul, 2008.

SILVA, Lídia da. **SignWriting**: a escrita do surdo. Disponível em: <<http://blog.educacional.com.br/surdez/2009/11/26/p115397/>>. Publicado em: 2009. Acesso em: 17 out. 2010.

STOKOE, W.; CASTERLINE, D.; CRONEBERG, C. **A Dictionary of American Sign Language on Linguistic Principles**. Washington: Gallaudet, 1965.

STUMPF, M. R. Transcrição de língua de sinais brasileira em SignWriting. *In*: LODI, A. C. B. *et al.* (Org.). **Letramento e Minorias**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

\_\_\_\_\_. **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo Sistema SignWriting**: línguas de sinais no papel e no computador. Tese (Doutorado). Porto Alegre: UFRGS, 2005.

---

## Gabarito

1. Consistem no detalhamento dos traços das configurações de mão, indicando a posição de cada dedo numa dada configuração de mão. Por conta dessa característica, a representação da configuração dos dedos permite registrar um número maior de sinais, com mais sofisticação, sendo possível captar variações nas realizações dos sinais, seja por motivos poéticos, estilo individual do sinalizador etc.
2. Uma escrita de sinais alfabética significa a possibilidade de registrar os elementos fundamentais das línguas de sinais, isto é, seus parâmetros de constituição (configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma da mão e expressões faciais), tal como as línguas orais, que têm seus fonemas (sons) representados pelos grafemas.

3. Os alunos devem apontar pelo menos um benefício por área solicitada. Embora essas informações sejam distribuídas ao longo de todo o texto da aula, são mais facilmente encontradas na última parte. Portanto, aqui vão algumas possibilidades de benefícios por áreas solicitadas:
  - a) **tradução e interpetração** – tradução direta de textos escritos em línguas orais para textos escritos em línguas de sinais e vice-versa; um recurso de apoio para a atividade de interpretação que registra mais fielmente as particularidades das línguas de sinais e ainda serve de apoio visual para a realização adequada dos sinais, respeitando seus parâmetros de configuração;
  - b) **educação de surdos** – permite o desenvolvimento da leitura e escrita numa língua que é natural para as crianças surdas, ampliando seu desenvolvimento cognitivo e representando um instrumento de aprendizagem e um objeto a ser aprendido, além de facilitar a aprendizagem de uma segunda língua – a língua portuguesa escrita;
  - c) **constituição das comunidades surdas enquanto grupos linguísticos e culturais** – registro permanente das ideias, valores e tradições das comunidades surdas e ampliação de seus conhecimentos por meio da apropriação dos conhecimentos produzidos pelos ouvintes, que poderiam ser traduzidos para uma escrita de sinais.



